

AS AVES

Existem espécies aladas em Marte?

RAMATÍS: - Seria formal desmentido à poesia e beleza que atribuímos a Deus, a inexistência de aves nos planos mais evolidos do que a Terra. Se em vosso mundo sombrio, onde a dor e a angústia fizeram morada, o homem foi agraciado com a presença do beija-flor, no seu vôo irisado de filigramas coloridos e, também, com o encanto da majestade que fulge do condor cruzando a amplidão, belezas que cantais em estrofes melodiosas, porque em Marte, onde o amor e a poesia são ritmos predominantes

da vida, não haveria a dádiva sublime das aves? Se o homem terreno, atido ainda as paixões inferiores, vibra, estasiado, diante dos bandos de avezinhas multicores, que enfeitam os jardins e entoam cânticos maviosos, nas manhãs jubilosas, em que o solo úmido recebe os raios do Sol, porque o marciano, cidadão de porte celestial, seria privado do encantamento proporcionado pelas aves?

Os marcianos consideram a existência das aves, no seu ambiente, como uma bênção do Pai e as protegem com maiores demonstrações de amor. No ambiente inofensivo epacífico de Marte, as aves são intensamente festivas, jubilosas e irriquetas. Não se afastam dos agrupamentos humanos, nem temem alguém. Arrulham em bandos, semelhando "confetes vivos e coloridos, dos templos e residências; e, por vezes, entram e andejam, suavemente, no interior dos lares. As florestas, os bosques, jardins e parques públicos, à aproximação da aurora, tornam-se à lacres, com cânticos e melodias inebrintes, onde a beleza divina se expressa na linguagem poética e maviosa dos gorjeios da passarada. Não há em vosso mundo espetáculo comparável à sedução que se evola desses concertos de alegria e ternura, orquestrados em sinfonia canoras.

Poderieis descrever as características

dessas aves?

RAMATÍS:- Conforme acontece no setor das flores, também muitas aves de Marte apresentam acentuadas semelhanças com a maioria da sua espécie terrena. As suas configurações, tessituras, plumagens e cores, inclusive o vôo anatômico. Há, no entanto, diversos outros exemplares que são diferentes, tanto na forma e no porte como na contextura, lembrando alguns deles uma espécie de "arraias voadoras", com o corpo revestido de escamas e estrugindo gritos agudos e longos, quais sonidos de barras de ferro vibrando no ar. Esse tipo de ave pode manter-se dias sem alimentos, graças a sua disposição anatômica de bolsas-reservatórios. Está sendo domesticada e adaptada ao clima de Marte, pois trata-se de espécimes gigantesco, cuja capacidade de vôo lhes permite vir de satélites vizinhos.

Quais as características canoras das aves próprias de Marte?

RAMATÍS: - Seu canto é melodioso e com extensa frase musical; não tem os longos hiatos dos cânticos comuns dos vossos pássaros. Esses cânticos, que alcança maviosidade semelhantes a vossa harmônica, revelam sempre a graça delicada, peculiar da alma dos marcianos. Certas melodias recortadas de filigramas sonoras, imprevistas, pronuciam as modificações climáticas. Quando a sensibilidade dessas aves manifesta certa aflição melancólica nos seus poemas canores, sabe-se que invisíveis "lençóis magnéticos", inferiores, estão se proximando do orbe. As próprias conjunções no zodíaco, repercutindo pela atmosfera etérica, modificam os padrões tradicionais do cântico desses pássaros. Os cientistas puderam já comprovar que as aves marcianas atuam, por vezes, nos dois planos fronteiros: o físico e o astral.

As aves terrenas, como o papagaio, que imita a palavras dos humanos, e outras que, à força de escutarem certas vibrações melódicas, as imiram fielmente, porventura, não demonstram a mesma capacidade dos pássaros

marcianos?

RAMATÍS: - O papagaio, efetivamente, emite alguns motivos verbais dos terrícolas. No entanto é simples repetente, sem a acuidade psíquica das espécies aladas de Marte, as quais revelam "algo" mais do que a singela e instintiva faculdade de imitação inconsciente.

O pássaro marciano se indetifica com os habitantes e o seu cântico jubiloso é oração musical que traduz alegria, bem-estar e afeto. Existem no vosso mundo algumas aves camora que se sublimam em canções emotivas, despertando-vos sentimentos poéticos e evocações saudosas; mas esses pássaros vivem "interiormente" a nostalgia de sua situação inquieta e desprotegida como ave triste e infeliz, sempre angustiada e fulgitiva por causa das gaiolas domésticas e do chumbo mortífero atirado pelos caçadores impiedosos. Entretanto, a ave marciana é enfeite colorido e vivo, posando em mãos cariciosas e que, atendendo as vozes amorosas dos homens, faz parte da beleza ambiente.

O nosso rouxinol, tão festejado pelos

poetas e pelos grandes amorosos, não oferece canto digno de ser lisonjeado pelos marcianos?

RAMATÍS: - O símile de vosso roxinol em Marte é a famosa ave do "c:antico espiritual". Ela executa sentida página musical, de sonoridade algo religiosa. São frases tecidas de sons graves e solenes, lembrando a nostalgia do espírito desterrado do seu **habitat** celestial. É a única ave que consegue despertar alguma tristeza e melancolia no coração festivo do homem marciano. É uma espécie de "ave sagrada", que os cientistas afirmam poder sentir o próprio magnetismo divino, irradiado pelo anjo planetário que alimenta e controla a atmosfera de Marte.

Em nossas observações espirituais, verificamos que esse pássaro, de aspecto angélico e misterioso, cuja plumagem é um floco vivo de matizes luminosos, canta em um estado de verdadeiro "transe" hipinótico. Achamo-lo divinamente belo, dando-nos a ideia exótica de um cristal vivo e policromo, a desferir melodias vibrantes de profundo sentimento de amor. Notamos, que esse pássaro se entrega ao holocausto da harmonia, em poemas de virtuosidade espiritual tão sublimes, que impõe silêncio e devoção àqueles que escutam, deslumbrados.

***Vive muito tempo esse "roxinol"
Marciano?***

RAMATÍS: - A delicaza de sua contextura, que denuncia ser adequada, especialmente, à função de "instrumento canoro da beleza divina", não lhe permitem existência prolongada. A sua sobrevivência é produto do mais cuidadoso desvelo e alimentação especial, à base de nectares concentrados de floes.

Há, porém, um mistério nesta ave singular; quando, em certo dia, seu canto se transmuda, inesperadamente, em maravilhoso poema harmônico, em que os "altos-relevos" do seu himo são notas dramáticas, vibrantes de profundo lamento e saudade, é que chegou o momento em que a "ave sagrada" assinala o seu "canto de cisne". Ela previu o seu fim; e, então, ei-la concentrando as suas últimas energias em 'afinar" o seu canto, no derradeiro momento de sua existência, dar o seu "último adeus" através das harmonias mais sublimes que a sua alma de cantora de expressão divina é capaz de desferir e interpretar.

e o seu contorno

Por ventura, o irmão já assistiu a um desses momentos supremos dessa ave paradisíaca?

RAMATÍS: - Assistimos. Logo que a sua garganta cristalina vibrou as primeiras notas musicais, maravilhosa aura de lilás puro, entremeados de raios solferinos, começou a circundá-la; mais um pouco, e o seu contorno foi sendo polarizado de focos de luz azul-celeste, translúcido, a espargirem-se na tessitura aveludada do fundo lilás, agora, todo recamado de fios dourados. E, à medida que a ave emergia no seu "transe" melódico, o círculo de sua aura reticulado de fios brilhantes, ampliava-se, refletindo em nossas vestes espirituais os mais soberbos matizes de cores, desconhecidas ao olho humano. Depois, quando ela atingiu o auge da sua sinfonia, imensa esfera de luzes policrônicas envolvia o ambiente astral em que nos encontrávamos. E de repente, quando a "ave sagrada" sonorizou a última estrofe do seu canto angelical, a nossa visão ofuscou-se ante um jorro intenso de irradiações estelares que, formando uma seta fulgurante, subiu ao alto, e se desprendeceu em direção ao Édem sideral

do Pai.

No cenário exterior, a multidão que assistia ao último cântico do pássaro "espiritual" tinham os olhos cintilantes de lágrimas. É que essa dádiva canora é um dos veículos mais propícios e sublimes para a transfusão do magnetismo divino aos mundos em que as almas já têm "ouvidos de ouvir" as sonoridades angélicas do plano astral.

As nossas cruéis disposições para com as aves impedirão que tenhamos a dádiva de um "rouxinol" marciano?

RAMATÍS: - Para bem avaliardes quanto ainda está longe de merecer que desçam sobre a Terra tais dádivas do Céu, meditai um pouco sobre essa barbaridade extrema - o tiro ao pombo, classificado de esporte", que vos leva a engaiolar essas aves graciosas, depois, de arma em punho, aguardar que as soltem numa liberdade simulada, para as fusilardes sem dó, a título de provar que sois exímios assassinos de aves inofensivas e indefesas. Por isso, no vosso mundo, constatamos este singular paradoxo: enquanto os pássaros, despreocupados

chegam a pousar, sem qualquer receio, sobre o dorso do boi e do tigre ou da pantera, eles fogem, aflitos, quando notam a presença do homem.

Os marcianos vêem as aves apenas na sua configuração comum, ou percebem-nas em sua silueta etérica?

Ramatís: - A visão comum dos marcianos, quando assim desejam, podem eles sintonizá-la à vivência etérica. E no "pôr-do-Sol", principalmente, eles gostam de apreciar as auras radiantes das aves , cujo vôo se assemelha a focos de luz pálida, flutuando e descrevendo no espaço ondulações coloridas. E quando elas descem e pousam sobre a vegetação cultivada, os seus adejos delicados e graciosos, ante a polarização magnética, emanada dos habitantes que as observam, transformando-nas em joias vivas adornando a natureza.

Em Marte não utilizam os pássaros como ornamento vivo, nas residências, em

viveiros amplos, que não reduzem os seus movimentos?

RAMATÍS: - Encarcerar as aves seria uma negação do grau evolutivo do marciano; pois eles nem se interessam por essa inofensiva arte de beleza mórbida, que vos faz embalsamar e coleionar insetos e animais venenosos, quando mais tolherem a liberdade da espécie alada, que eles cultuam como flores vivas que Deus lhes oferece para suavizar a melancolia do mundo material.

O homem terreno, infelizmente, ainda está gerando angustioso "carma" para as reencarnações futuras, em face da sua imprudência quanto à destruição de pássaros.

Como definirmos essa vossa advertência?

Os que caçam ou destroem por razões esportivas ou para alimentação desnaturada, geram o carma terrível de perderem seus antes queridos em desastres, acidentes ou explosões e de eles próprios terminarem, igualmente, sob o cano fumegante de

uma arma omicida. Algumas vezes, o caçador sofre o "choque de retorno" ainda na mesma existência em que exorbita das leis cósmicas da vida, quer acidentando-se com a sua própria arma, quer sofrendo efeito de um estranho disparo imprudente. Diariamente, em vosso mundo, sabeis de inúmeras criaturas, às quais um destino cruel convoca para os desastres de armas de fogo. Na realidade, em tais casos, é sempre o "ex-caçador (desta ou de outra existência), que espia o tributo de sangue que ele mesmo provocou injustamente.

Acaso, para que o caçador sofra o efeito da lei que violou, á de constituir família e os filhos suportarem suas culpas, em acidentes reparadores?

RAMATÍS: - Em todas as leis derivadas da Suprema Lei Divina, jamais existe qualquer vislumbre de injustiça. Periodicamente, os Mestres Cármicos reúnem um punhado de caçadores e os recarnam na Terra, constituindo famílias compostas de antigos e inveterados destruidores de aves. A lei divina é justa e, no caso, ela visa a retificar os impulsos daninhos do ser humano, exercendo sua ação purificadora por meio de reencarnações e

através de acidentes imprevistos e trágicos, equivalentes às características impiedosas dos seus autores no passado.

Concuímos, então, que essa determinação para a tragédia, embora por efeito de uma lei cósmica, constitui uma punição, um verdadeiro castigo. Não seria assim?

RAMATÍS: - O vocábulo "castigar" é oriundo, em vossa própria nomenclatura linguística, do verbo latino "castigare", composto de duas palavras latinas, "**castum**" e "**agere**", as quais, conjugados, definem a ideia de castigar, ou seja, tornar casto, ou ainda, purificar. A ideia de castigar, como desforra, é incompatível com a natureza justa do Pai. Trata-se, pois, de retificar a ação má, o recalque perverso que retarda a alma em sua evolução espiritual.

O caçador que destroi não ofende a Deus, que é imune ao elogio ou à ofensa; mas perturba ou fere o direito inviolável de uma espécie que também faz jus à vida e que foi criado para finalidades sagradas. Ora, no seu ato violento, o caçador desarticula o equilíbrio moral do campo magnético que vitaliza e mantém a espécie; e conforme leis imutáveis, terá que expurgar de seu eu moral o recalque maléfico que incrustou no seu espírito. Esse expurgo exige idêntico processo de violência, por tratar-se de um impulso primário, de caráter agressivo ou animalizado, que não se escoia por meios suasórios. É a lei de causa e efeito, em suas

reações dinâmicas, a qual, como a dinamite, ferida pelo atrito, ninguém mais controla. E esse débito de reajuste moral fica vibrando na alma do caçador desde o momento em que ele infringiu a lei, e eleva-se à contingência de um determinismo que, tarde ou cedo, deflagrará a reação equilibrante, pelo mesmo processo violento e doloroso.

E qual é o resultado educativo, para o caçador, ao contemplar seu fíflos (ex-caçadores), feridos por acidentes ou desencarnados tragicamente?

RAMATÍS: - Vós ainda desconheceis o poder assombroso da retentiva ou memória espiritual. O choque emotivo daquele que vê seu ente querido tombar, inesperadamente, sob impiedosa arma homicida, cria-lhe na intimidade da consciência forte repulsa à figura de um caçador de aves. A visão amarga, contundente, do ser querido que se abate, ensopado do próprio sangue, é um estigma ou advertência que repercute nas suas existências futuras, cada vez que surja em sua mente a ideia de abater um pássaro. Aliás, inúmeras criaturas descontroladas em seus instintos inferiores, depois de torturadas ou oprimidas pela desgraça rude que se abateu em seu lar,

abrandam seus recalques ou impulsos negativos, tornando-se depois inofensivas e avessas a atitude violenta, graças à função retificadora do sofrimento que lhes atingiu, em profundidade, a consciência espiritual.

No caso da mãe que vê seu filho (ex-caçador) tombar tragicamente, por acidente de arma, não há, certa iniquidade?

RAMATÍS: - Em regra, essa mãe está sofrendo tal prova porque ela própria tem responsabilidade nesse setor, assumidas no passado; e, então, enverga o traje carnal feminino. Apenas, em vez de ser "mentor" de caça, torna-se simples mentor do lar constituído por ex-caçadores..

Decerto não ignoraria existir, em vosso mundo, a esposa insensível, que sugere ao companheiro ocioso realizar uma caçada festiva a mãe para o banquete domingueiro. E não existe, também, a mãe que presenteia seu filho com artística e eficiente espingarda para que eles, como "distração", exterminem à vontade, as inofensivas avesitas? Ora, se em vossas leis precárias e

ilógicas estipulais penalidades para os delitos de "co-participações e mandatários", por que Deus, a Lei Sábia e Justa, cometeria a discrepância de responsabilizar, no caso apreço, apenas o agente executor?

Notamos que os pássaros nascidos em viveiros e gaiolas terrestres, quando se libertam, perecem por falta de orientação na Será, então, igualmente, um delito o gesto de bondade que nasceram para a liberdade alada busca de alimento. Será, então, igualmente, um delito o gesto de bondade que nos leva a libertar o pássaro cativo?

RAMATÍS: - A prisão do pássaro, em qualquer circunstância é sempre um delito espiritual, porquanto, se o Pai não estatuiu prisões para vós, não as consente

para as aves, que nasceram para a liberdade alada. As prisões de aves, cujos descendentes perdem a noção instintiva do vôo e da subsistência, resulta da vossa incúria em não lhes proporcionar o ambiente de liberdade e vida

que lhes é próprio e indispensável. Se cuidasseis de auxiliá-los em suas posturas, protegê-los nos seus ensaios volitantes e ampará-los nas épocas críticas, viveriam eles em torno de vossos lares, enfeitando o vosso ambiente e o mundo, com seus cânticos festivos e animando-vos com sua graça poética e delicada, sem precisardes de conservá-los entre grades.

As aves, em Marte, em face da liberdade que desfrutam, não depredam as lavouras e não causam prejuízos nos jardins e nos pomares?

RAMATÍS: - Se os vossos pássaros nascidos em gaiolas ou viveiros , perecem, quando em liberdade, retornando à prisão para não sucumbirem de fome, é óbvio que isso acontece pelo abandono em que ficam. Se fossem alimentados, como em Marte, na adjacência de todos os lares e sem quaisquer receios, tornar-se-iam inofensivos às lavouras e jardins, pelo simples circunstância de aguardarem no homem a sua nutrição. Em cada lar marciano existe um recanto do solo onde é plantada,

comumente, a fruta , o vegetal ou a hortaliça destinada aos pássaros; e eles buscam o alimento nesses locais previamente determinados.

O psiquismo diretor que impera no planeta Marte e que comanda, também, a espécie alada, graças a mentalidade superior dos marcianos, pode operar e insuflar nas aves o sentido de obediência para não depredarem. O impulso que denominais instinto e que coordena os movimentos das espécies inferiores também pode ser influenciado ou dirigido.